

O DEPOIMENTO

Ex-líder do governo depõe no Conselho de Ética e mantém o teor do discurso feito na segunda-feira

José Roberto Arruda

Durante as sete horas que prestou depoimento ao Conselho de Ética do Senado, o senador brasileiro José Roberto Arruda (ex-PSDB) não chorou, não se exaltou. Era um homem comedido, medindo cuidadosamente as palavras — ao contrário do que ocorreu no discurso de segunda-feira. Desta vez, concentrou esfor-

ços para tentar demonstrar que jamais ordenou à então diretora do Prodasen, Regina Borges, que violasse o painel de votação do Senado. Na verdade, procurou pôr toda a responsabilidade da fraude sobre a funcionária. Segundo ele, o que houve foi apenas uma consulta sobre a possibilidade de o sistema ser passível de violação. E essa “consulta”

teria sido feita em nome do então presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA). “Eu posso consultar a doutora Regina em seu nome? E me lembro bem que ele (ACM) repetiu: ‘Pode falar com ela em meu nome’”, contou Arruda. Por isso, tentou convencer os colegas de que cometou apenas uma “infração regimental”.

“LEMBRO BEM QUE ELE (ACM) REPETIU: ‘NÃO, PODE FALAR COM ELA (REGINA) EM MEU NOME’”

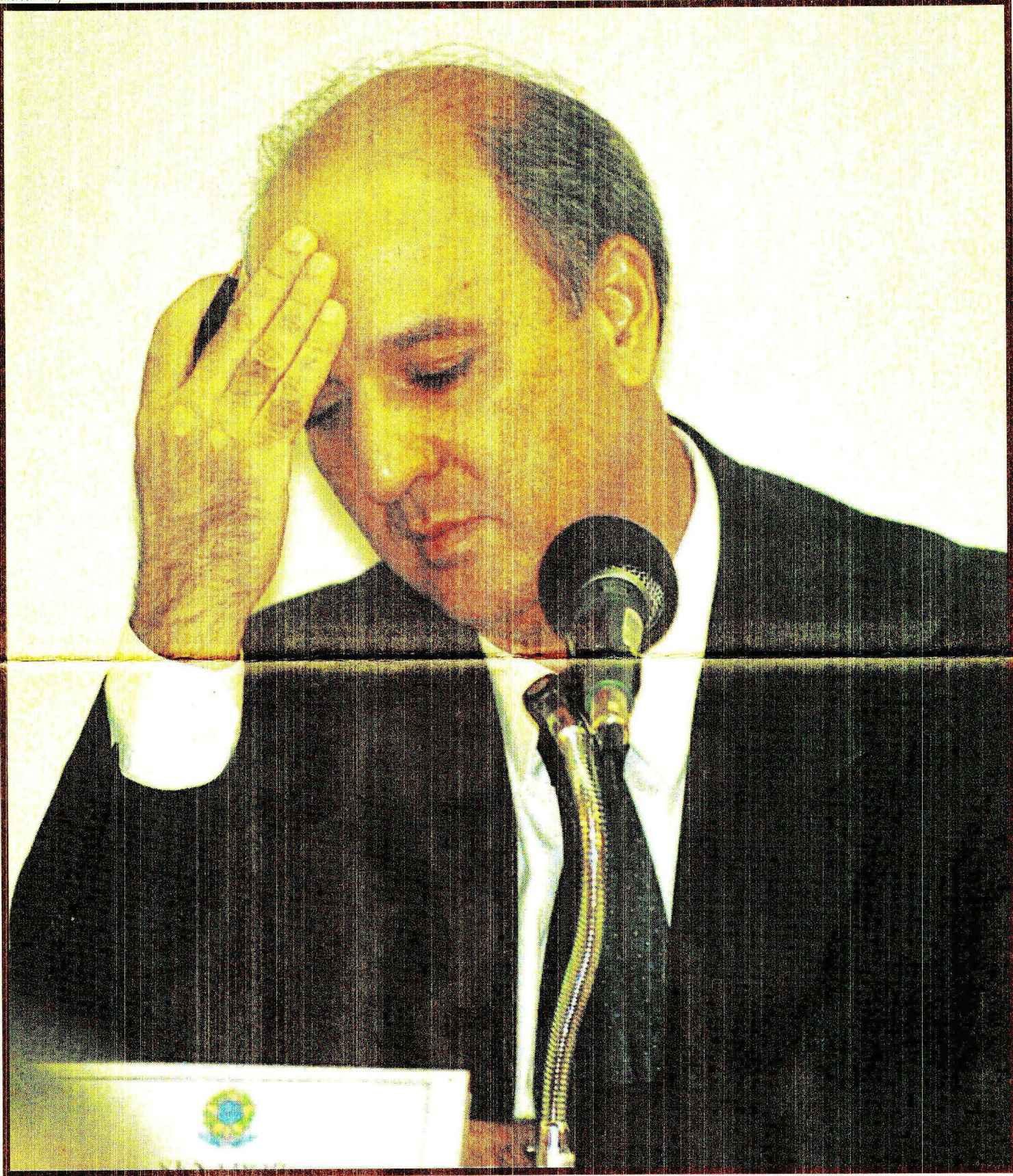
JOSÉ ROBERTO ARRUDA

(...) Neste início, gostaria apenas de reafirmar a minha linha de conduta, já definida de forma muito clara e pública no discurso que fiz segunda-feira, o meu compromisso com a verdade dos fatos nesse episódio ou em qualquer tema ou episódio que foi aqui levantado. (...) Estou dispensado de fazer qualquer malabarismo intelectual ou de memória. O meu compromisso é o de dizer a verdade. É com essa disposição, com essa convicção, que venho a esta Comissão. (...) *[Para abreviar a sessão no Conselho de Ética, Arruda propõe que seu discurso do dia 23 de abril — no qual confessa que viu a lista de votos dos senadores na sessão que definiu a cassação de Luiz Estevão — seja aproveitado como depoimento pelos integrantes da comissão. Segue-se uma discussão entre os senadores até que José Eduardo Dutra (PT-SE) faz uma proposta: que Arruda destaque os pontos mais importantes de seu discurso e depois responda as perguntas dos senadores].*

ARRUDA

Vamos dizer, de tudo que se extraiu, de tudo que foi falado, na minha ótica, o que considero importante nesse início, o que considero relevante, para total esclarecimento dos fatos e da verdade, à qual me apeguei de forma irrefutável; acabou, não saio disso. (...) Os pontos relevantes que eu extraio são os seguintes: Primeiro, qual era o clima que tínhamos naqueles dias que antecederam a votação do dia 28 de junho *[votação que resultou na cassação do Luiz Estevão]*? Era um clima de muito boato, muita intriga, muito choque político (...). Nesse clima, eu conversei, naqueles dias, com vários senadores. As conversas que tive com um e com outro senador não diferiam muito. Eram conversas sobre análises, perspectivas, tendências. Há uma conversa específica que... pode ser que eu esteja cometendo alguma falha nisso. Mas me parece que, no depoimento de ontem *[na quinta-feira, o senador Antonio Carlos Magalhães depôs no Conselho de Ética]*, o senador Antonio Carlos ou não falou ou não entrou no detalhe de um encontro que tivemos, que foi o ponto inicial da motivação da ação que se discute. Nesse encontro, que foi na sala dele, e que me recordo bem, havia uma conversa naqueles dias de que o ex-senador Luiz Estevão (...), através de um assessor seu, doutor Nilson *[Rabelo, chefe de gabinete de Luiz Estevão, cotado para assumir a direção do Prodasen]*, dizia que ficava sabendo dos votos, e usava isso como uma certa forma de pressão. Enfim, isso gerava uma preocupação com segurança. Parece-me que isso o senador Antonio Carlos também deixou claro aqui ontem. Nessa conversa que eu estava tendo com ele *[ACM]*, ele disse o seguinte, mais ou menos (...). ‘Olha, acaba todo mundo ficando sabendo mesmo’. Falei: ‘É verdade, aqui esse negócio de votação secreta é para inglês ver, todo mundo sabe tudo’. Aí ele disse o seguinte: ‘Eu acho que os técnicos lá do Prodasen devem saber na hora’. (...) Lembro-me que perguntei: ‘Mas será que é assim?’ Aí ele falou: ‘Arruda, você que é engenheiro, você entende desse negócio de computador. Es-

Jefferson Rudy



ARRUDA, NO DEPOIMENTO DE ONTEM: AO CONTRÁRIO DO DISCURSO FEITO EM PLENÁRIO, NA SEGUNDA-FEIRA, MANTEVE-SE CALMO E SEGURO

se troço, todo mundo fica sabendo’. (...) Enfim, mais ou menos este espírito, quer dizer, a fragilidade de qualquer sistema de apuração de voto secreto. Eu disse: ‘É possível’. Aí ele me disse: ‘Você podia perguntar para a doutora Regina *[Borges, diretora do Prodasen à época]* como é que isso funciona, porque — dentro desse espírito — você é engenheiro, você entende desse negócio de computador’. (...) Ele disse: ‘Pergunte a ela se isso é possível, como é que isso funciona’. Eu disse: ‘Mas eu posso consultar a doutora Regina em seu nome?’ E me lembro bem que ele repetiu: ‘Não, pode falar com ela em meu nome’. Essa é a conversa inicial, sobre a qual não tenho a menor dúvida. *[Em seguida, Arruda discorre sobre como contactou Regina, reconhecendo que esqueceu alguns detalhes, como a hora em que ligou para ela; fala também sobre como ela foi em sua casa].* (...) Essa conversa foi mais ou menos assim: ‘Doutora Regina, a senhora sabe a boataria que está no Senado, conversa de tudo quanto é jeito, intrigas, e eu estava conversando com o senador Antonio Carlos e ele me pediu que lhe fizesse uma consulta. A consulta é a seguinte: Como é que funciona esse negócio de voto secreto no Senado? Quando o voto é

secreto, vocês, lá no Prodasen, ficam sabendo? Quando eu falei isso, eu lembro que ela ficou até um pouco nervosa, punha o óculos, tirava, aquele negócio, e deu uma explicação longa para o período da conversa — vamos dizer, quatro ou cinco minutos —, tentando me explicar como é que funcionava o sistema. O que ela lembrava é que era um sistema separado do sistema central do Prodasen, tá? (...) ‘O que eu quero saber é o seguinte, o senador Antonio Carlos está preocupado em saber se numa votação secreta vocês ficam sabendo o resultado. É isso que ele quer saber. Tem jeito?’ Ela disse: ‘Ó, sinceramente eu não sei, eu vou verificar’. Eu disse: ‘Doutora Regina, o que se comenta é que fica sabendo, esse é o comentário; e, se fica sabendo, ele quer ter essa informação’. (...) Ela disse: ‘Eu vou verificar e te telefono’. Eu falei: ‘Ou, então, direto para o senador Antonio Carlos, como queira. O importante é ter essa informação’.

Há um detalhe interessante aí que, ontem *[quarta]* depois do depoimento *[de Antonio Carlos Magalhães no Conselho de Ética]*, eu ainda fui procurar. A doutora Regina, já no final do depoimento, diz assim: ‘Então, fiquei, pela manhã, de dar um retorno’ — esse dado eu não tinha falado, es-

tou acrescentando — diz a doutora Regina — ‘ao Senador Arruda se seria possível, e tenho dúvidas’ — no depoimento dela. Ou seja, a doutora Regina no seu próprio depoimento não só conta a conversa exatamente como foi, como ela declarou que tem dúvidas se ligou. Para mim, não ligou. Ela também parece que aventou a hipótese de ter ligado para alguém do gabinete. Não ligou, não houve essa ligação.

[Nessa hora, Arruda conta sobre o dia da votação da cassação do então senador Luiz Estevão e da ligação que recebeu de Regina, neste mesmo dia, embora não lembre a hora]. ‘Senador Arruda, estou aqui perto da biblioteca (...) e tenho uma coisa para lhe entregar para o senador Antonio Carlos. Como é que eu faço?’ (...) ‘Vou pedir ao doutor Domingos *[Lamoglia, assessor do senador Arruda]* que desça aí e pegue com a senhora’. Ele desceu, pegou, voltou com o envelope. *[Aqui ele fala sobre como era o envelope e outros pequenos detalhes]* (...) Eu puxei a folha, não tirei a folha totalmente do envelope, e enfeiei a folha no papel outra vez. (...) Então, eu, imediatamente (...), saí em direção ao senador Antonio Carlos. (...) Chegando em direção ao gabinete,

devia ter uma pessoa na sala, esperei poucos minutos e logo depois entrei. Nesse momento, eu estava sozinho com ele. E o diálogo que se passou foi exatamente aquele revelado por ele aqui. ‘Você está sentado? Olha aqui, que coisa! A doutora Regina mandou entregar isto aqui’. Ele, neste momento sentado, eu de pé, na frente da mesa, tirou a página ou as páginas, não posso afirmar, leu tudo aquilo, fizemos juntos alguns comentários, não foi só ele que fez, eu também fiz, fizemos alguns comentários.

E, feitos esses comentários — isso tudo não foi uma conversa longa também, foi uma conversa relativamente rápida —, feitos esses comentários, o que se segue também foi o que, mais ou menos, ele disse aqui. Eu disse: ‘Senador, agora, por favor, liga para a Regina para dizer que está na sua mão’. (...) Conversamos mais um pouquinho e, dentro de alguns minutos, a ligação foi completada para o telefone do Senado. Ele teve com ela uma conversa rápida. Ontem, ele falou frases da conversa aqui. *[Em depoimento ao Conselho Ético, Antonio Carlos Magalhães disse que procurou tranquilizar Regina Borges: ‘A senhora tem serviços prestados ao Senado. Não fique nervosa porque*

a senhora não teve culpa’]. Eu, sinceramente, não tenho idéia das frases, eu não sei exatamente o que foi dito. Tenho, no entanto, a mesma convicção da doutora Regina, o telefonema foi claro: ‘Recebi, está aqui. Você não fez nada errado. Quer dizer, a segurança está preservada’.

Esses pontos, senhor relator, senhores senadores, me parecem os mais relevantes do que foi colocado aqui. O que se passou depois é exatamente o que foi relatado pela doutora Regina, e não me parece que haja discrepância também em relação ao que foi falado aqui, ontem, pelo senador Antonio Carlos. (...)

SATURNINO BRAGA

Senador Arruda, a meu juízo persistem algumas contradições que são extremamente importantes (...). Uma contradição é a da sua versão a respeito do teor da conversa com a doutora Regina, e não só com a versão dela como com o comportamento dela. Porque todos os depoimentos foram unânimes, os que a acompanharam nessa operação de que ela estava extremamente tensa, nervosa, decidida a fazer qualquer coisa para obter aquela lista no curto prazo de que ela dispunha, que era aquela noite, para mexer em um programa extremamente complexo. A versão de vossa excelência transforma a doutora Regina numa pessoa tão desequilibrada, com uma desinteligência tão profunda, que gerou uma distorção no seu comportamento, que é extremamente grave, que — eu diria — beira mesmo a demência. A pessoa entendeu tão mal a sua consulta que a transformou numa ordem do presidente que deveria ser cumprida naquela noite.

E essa questão do tempo é importante, porque vossa excelência diz que não foi na véspera, que, na véspera, vossa excelência cumpriu aquela agenda toda que recuperou no computador e nos informou. Mas, pela versão dela e pelo depoimento de todos, o curto prazo e o nervosismo dela obrigavam a que a sua conversa com ela tivesse ocorrido naquela noite, na véspera da votação, porque, do contrário, ela teria mais tempo e não estaria tão nervosa, extremamente tensa, porque teria que produzir naquela noite.

É essencial que a gente esclareça essa contradição de uma vez por todas. É a outra contradição é a seguinte: o senador Antonio Carlos insistiu ontem em negar qualquer conhecimento desse assunto até o momento em que recebeu a lista, o que colocaria vossa excelência muito mal. Vamos convir: se vossa excelência usou o santo nome para produzir uma ilegalidade e, além disso, agora está sustentando essa posição de envolvimento dele ou de conhecimento prévio dele, arriscando até o mandato dele, vossa excelência fica numa situação de caráter muito ruim. Então, devemos também ter uma idéia precisa a esse respeito. Senador Arruda, o encontro seu com a doutora Regina — segundo a sua versão, foi uma consulta, e ela tomou como uma ordem — ocorreu na véspera da votação, não foi?

